

Imagens de Prostitutas. Um Enfoque da Sociedade Florianopolitano na Primeira Metade do Século XX

Ivonete Pereira*

Após a segunda metade do século XIX Florianópolis, ainda Desterro, iniciou um processo de mudanças em suas estruturas. Equivale dizer que estas ocorreram em vários segmentos da sociedade, principalmente no econômico e político-social, fato este que ocasionou o aparecimento de uma nova força e forma de dominação nestes âmbitos da sociedade desterrense:

"Os novos personagens que passaram a compor a elite eram oriundos, principalmente do comércio e do transporte de mercadorias. Deram início à formação de uma esfera pública burguesa, estabelecendo uma cisão em relação ao poder público; este era originalmente, formado por funcionários civis e militares enviados para administração da Ilha de Santa Catarina"¹.

Porém, é no século XX, a exemplo das grandes cidades brasileiras, principalmente Rio de Janeiro, que Florianópolis intensificou seu processo de mudanças, desencadeando efetivamente sua urbanização; sendo que, com esta, surgiram novas preocupações e foram ratificados antigos preceitos, como nos mostra Eliane Veras da Veiga, através de seus estudos do desenvolvimento urbano de Desterro/Florianópolis entre os anos de 1850 a 1950:

"...Somente neste século o quadro social se alterou com certa rapidez, promovendo um adensamento urbano e a consagração de hábitos e práticas mais cidadinas do que rurais. Podemos admitir que a cidade se expandiu mais depressa nos últimos trinta anos do lapso cronológico em estudo do que em todo o século XIX"².

Florianópolis diferenciava-se dos outros centros urbanos, em processo de modernização, devido ao fato de não possuir os grandes fluxos populacionais, as crescentes concentrações industriais, bem como um enorme contingente de operários. Frente a isto, Virgílio Várzea colocava em 1900 que:

* Ivonete Pereira, natural de Urubici, S. C. Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Ingressou no Mestrado em História em 1993. Trabalho apresentado no XVII Simpósio Nacional de História, promovido pela ANPUH, de 19 a 23 de julho de 1993.

¹ - PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe - papéis sociais femininos na sociedade de Desterro/Florianópolis 1880/1920*. São Paulo: USP, 1992. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo, 1992. p. 13.

² - VEIGA, Eliane Veras de. *Florianópolis: memória urbana*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes /UFSC, 1992 (no prelo). p. 101.

"Florianópolis está fatalmente condenada a ficar para trás, tanto como em outros ramos da economia social, pois é sabido que só prosperam amplamente as capitais que ocupam o centro de suas regiões"³.

Claro que o memorialista tinha uma visão trágica e fatalista da cidade/capital. No entanto, sua apreensão serve-nos como parâmetro para observarmos que, neste momento de urbanização, a qual, em outros centros brasileiros estava em amplo processo de desenvolvimento, Florianópolis caminhava em passos lentos porém, ao contrário do que pensava o memorialista, crescentes. Paralelo a esse crescimento, a cidade importava de outras capitais as mesmas preocupações constituindo os mesmos problemas, principalmente, como ressalta Hermetes Reis Araújo, no que tange à remodelação social, segundo o qual o único aspecto em comum com as outras capitais:

"(...) era constituído pelo anseio das elites locais em promover um amplo reajustamento social de sua população aos imperativos e às territorialidades burguesas de organização social"⁴.

É ainda nos primeiros anos do atual século que Virgílio Várzea contradizendo-se, quando colocou que Florianópolis estava condenada à estagnação, e discutindo inclusive a mudança da capital para outra cidade, entre elas, Lages e São Francisco do Sul, que o mesmo observou que estava ocorrendo um crescente impulso industrial:

"Assim é que já se contam aí uma fundição de pratos de Paris, empregando grande número de operários, pertencentes à casa Carl Hoepcke e Cia; duas fábricas de preparar peixe em lata; três de cerveja (...); uma de sabão e velas; oficinas de carpinteiro, marceneiro, tamoeiro, funileiro e torneiro (...); uma fábrica de massas alimentícias; duas grandes refinações; um engenho a vapor para pilar arroz e café; engenhos de preparar farinha de mandioca e açúcar (comuns e muito numerosos em todos os sítios do continente e da Ilha); e outros de menor importância, que seria ocioso enumerar"⁵.

O autor destacou ainda que, a indústria que mais crescia na cidade, porém a menos rendosa, era a das flores artificiais, os quais eram trabalhos delicados, feitos "a mão e por moças".

É a partir do final da primeira década do século XX que a capital vê concretizada algumas de suas reformas e crescimentos urbanos, principalmente com a instalação das primeiras redes de água encanada (1909), iluminação pública com energia elétrica (1910) e a

³ - VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina: A Ilha*. 3ª ed. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p. 27.

⁴ - ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A Invenção do Litoral: Reformas Urbanas e Reajustamento Social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo, PUC, 1989. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989. p. 11.

⁵ - VÁRZEA, Op. Cit. p. 32.

construção de redes de esgotos. Daí em diante, outras reformas e melhoramentos foram implantados, bem como Instituições e Fundações foram criadas.

Os campos político e administrativo também haviam sofrido mudanças, pois com o advento da República estes setores da sociedade não eram mais domínio dos civis e militares antes enviados pela Coroa à Desterro. Nestas funções e cargos foi inserida a elite local, formada principalmente por comerciantes, armadores e profissionais liberais"⁶.

Com relação à vida sócio-cultural da cidade, Virgílio Várzea mostrou-se, pessimista dizendo ser esta quase nula e que a mesma restringia-se às partidas dançantes em clubes e casas de famílias; mas que no entanto:

"(...) essas reuniões ou partidas são em geral agradáveis pela simplicidade, harmonia e trato familiar que invariavelmente as caracterizam"⁷.

Parece que, ao discutir a vida sócio-cultural, aqui neste momento, o mesmo refere-se apenas às diversões e manifestações das classes abastadas, deixando de lado a convivência social popular, como as festas bairristas, de igreja, o entrudo, carnaval e várias manifestações folclóricas. Talvez, tentando dessa forma negar sua existência ou vem demonstrar assim, a tentativa da elite local de restringir a clubes fechados as atividades sócio-culturais garantindo, com isso, um espaço privado onde um público indesejado não poderia penetrar. Pois como coloca Hermetes Reis Araújo, apesar do iniciante desenvolvimento, Florianópolis apresentou nesse período uma elevada diversificação social, sendo que alguns segmentos da sociedade:

"(...) passaram também a se diferenciar cada vez mais das outras camadas menos privilegiadas da população"⁸.

Alguns setores, ou melhor dizendo, alguns órgãos da sociedade florianopolitana que faziam parte deste contexto, ao perceberem essa privatização de diversões e manifestações culturais, tentaram combater essa nova prática como nos deixa transparecer o *Jornal O Clarão* com seu artigo intitulado "Pela Igualdade" do dia 04/05/1912:

" A sociedade actual, está por completo em ruínas, porque o vício, a hipocrisia e a desmoralização, imperam ahí phantasiados e mascarados com uma cartolla de pello, uma casaca e um dr. posto antes do seu nome".

Ela fecha as portas de seus salões a um operário pobre, porém laborioso e honrado, que sustenta a sua família com o suor de seu trabalho.

⁶ - PEDRO, Op. Cit. p. 29.

⁷ - VÁRZEA, Op. Cit. p. 33.

⁸ - ARAÚJO, Op. Cit. p. 12.

Fecha as portas de seu salão a ele porque é operário e não tem casaca e vai abrir para dar a um sorridente "smart" encasacado e encartolado, porque é rico"⁹.

Ao abrir as portas de suas casas, fábricas e indústrias aos pobres da cidade, observa-se que a burguesia sente a necessidade de fechar seus salões, tentando assim delimitar e diferenciar seus espaços, daqueles ocupados também pela camada popular. Pois em uma sociedade onde as representações e imagens deveriam ser nítidas, papéis não deveriam se inverter ou misturarem-se.

Essa nova máquina político-administrativa, a elite florianopolitana, trás para a cidade novas imagens, profere novos discursos, descobre novos valores e determina outras práticas, as quais irão implicar diretamente em projetos de reformas sociais, políticas, urbanísticas e sanitárias.

Com o intuito de reformular num todo o meio urbano e estender a "civilização" que almejavam à toda sociedade, esse grupo detentor do poder econômico e político, vê a necessidade de remover os "entraves sociais" que impediam tal desenvolvimento. Para isso, foram criadas imagens de pessoas e condutas ideais; processo este que já havia se iniciado no final do século XIX em Florianópolis¹⁰.

Como na Paris e no Rio de Janeiro do século XIX, o poder público de Florianópolis, no início do século XX, valendo-se de vários meios, como a força policial, os discursos dos documentos oficiais e da imprensa e ainda da prática higienista dos médicos, procurou tirar da área urbana os "desajustados", os quais não estavam "ainda" enquadrados neste projeto civilizador que pressupunha a "ordem e progresso", sendo que os mesmos ocupavam várias ruas da cidade, das quais as mais visadas eram as da Tronqueira (General Bittencourt), da Toca (foi a continuação da São Martinho) e da Figueira (Francisco Tolentino), como assinala Oswaldo Rodrigues Cabral:

"...as casas do bairro da Tronqueira, zona de lavadeiras, de soldados, de negros libertos; as da Toca em que a gente do mar, os pescadores e os embarcadiços moravam, e as da Figueira, bairro das mulheres perdidas, dos marinheiros em trânsito, da gente mais humilde e recuada da escala social"¹¹.

⁹ -Pela igualdade. Jornal O CLARÃO. Florianópolis. 04/05/1912. p.1

¹⁰ - PEDRO, Op. Cit. p.21

¹¹ - CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *Medicina, médicos e charlatões do passado*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1942. p.1

Faz-se necessário ressaltar que os "desvalidos sociais" aos quais Cabral se refere, viviam nos finais do século XIX, nas ruas da Desterro; no entanto no início do Século XX, esses não só permaneceram ainda nas mesmas vias, como tenderam a aumentar seu número.

Dentre essa população "desvalida", estavam os boêmios, malandros, ex-escravos, mendigos, marinheiros e prostitutas; essas foram alvo de maiores atenções por parte do poder público pois, alegavam que as mesmas, além de fugirem às normas, eram consideradas agente causador da desordem social e propagador da imoralidade, e ainda uma ameaça à saúde pública. Motivos para vigiarem ou justificativas da vigia? Seja como for, essas mulheres além de vigiadas, constantemente eram punidas, como nos mostra o artigo "Campanha Moralizadora - Jogatina e Caftismo" do Jornal *Folha Nova* do dia 13/03/1928.

"(...) à chefatura tem sido chamadas todas as megeras conhecidas, impondo-se-lhes arripiarem caminho, sob pena de serem presas e recambiadas como indesejáveis para outros pontos onde sua ação perniciosa se não possa fazer sentir".

Muito folgamos em poder registrar o que ali fica e bem demonstra o desejo de moralizar os costumes e a capital¹².

Moralizar? Mas, baseando-se em qual moral? A moral utópica da família burguesa, criada por homens, freqüentadores de bordéis e casas de tolerância? Por homens que em seus bailes privados deixavam extravasar suas imaginações "libidinosas"! Como nos mostra o Jornal *O Clarão*, ainda no seu artigo "Pela Igualdade":

"(...) E ahi n'essa orgia onde o perfume embriaga, onde as sedas arrastam, onde os pares agarrados, dançam, valseiam em delírio, onde a champagne espuma e ferve nos copos, tudo é esquecido! Que importa que aquelle senhor de dança ali, está namorando a senhora daquelle outro? Que importa? Está n'um baile, no fremir do entusiasmo enebriador da sociedade que tudo escurece! (...) Enfim, há na sociedade de tudo; mas nada é feio, tudo é rasoável! A sociedade essa criação dos homens que patrocina os escândalos é de uma bondade infinita!"¹³.

Segundo o jornal, por trás das máscaras com as quais se esconde toda uma camada da sociedade, a classe burguesa, ocultam-se seres "hipócritas" que vivem uma realidade que condenam e a qual querem extinguir, pregando uma moral que fica restrita somente aos seus ideais.

¹² - Campanha moralizadora: jogatina e caftismo. Jornal FOLHA NOVA. Florianópolis, 13/03/1928. p. 1

¹³ - Pela igualdade. Jornal O CLARÃO. Florianópolis, 04/05/1912. p.1

É interessante ressaltar que toda mulher que não condizia com os parâmetros daquela figura construída idealmente pela classe dominante e que realizava papéis sociais fora dos normativos e prescritos, era vista como prostituta e/ou com tendências para tal atividade¹⁴; como podemos perceber através de um artigo do Jornal *A Sogra*, de 21/03/1926, intitulado "Um Facto Estranho":

"(...) - Você não tem prestado bem atenção naquella senhora residente na rua Victor Meirelles? Que ultimamente é funcionária de certo café, nesta praça?

Pois olhe, meu caro amigo, outro dia, em plena luz meridional, se divertia francamente com seu apaixonado. O público poderá compreender facilmente o que desejo explicar.

(...)

É isto. É a evolução em tudo. Você bem sabe que ao lado da civilização marcha... aquillo que o amigo já sabe. Le monde marche!"¹⁵

Através deste artigo, contando com um público já garantido, percebemos que para denunciar as trocas de carícias de uma mulher "com seu apaixonado" em pleno meio dia, o jornal não se limita apenas em expor o corrido, mas antes, destaca o fato desta estar inserida num espaço reservado ao homem, ou seja, o trabalho público em um "certo café". Estendendo assim sua condenação, das carícias trocadas à movimentação daquela, enquanto mulher, na esfera pública, a qual só passou a ser possível frente à "evolução" e "civilização", também condenáveis, pois implicaram na perda do então espaço masculino e no surgimento da prostituição, palavra "tão imoral" quanto o ato que o mesmo nem a pronuncia, "mas o público poderá compreender".

No entanto, essa mulher estava trocando carícias com alguém, existia um companheiro! Mas, quem era ele? Qual o seu nome? Onde trabalhava? Qual o seu endereço residencial? Percebemos assim uma dupla moral, onde a mulher como um único sujeito é responsabilizada pelos atos de dois.

Margareth Rago, coloca que em São Paulo no início deste século, vários bares e cafés, recém-inaugurados, contratavam moças como garçonetes (fato este também detectado aqui em Florianópolis), e que o referido ato provocou a reação de segmentos da sociedade, principalmente da imprensa "conservadora" que via nesta ação uma forma dos proprietários

¹⁴ - Não só em Florianópolis essa imagem foi construída, também em outras cidades brasileiras, como por exemplo Rio de Janeiro; como nos mostra Magali Engel em *Meretrizes e Doutores: Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. Niterói: Brasiliense, 1985. p. 95.

¹⁵ -Um facto estranho. Jornal A SOGRA. Florianópolis, 21/03/1926. p. 1

induzirem os frequentadores a "elevarem sua taxa de consumo de bebidas alcoólicas"¹⁶. Assim, condenava-se o fato da mulher induzir o homem a ingerir mais bebidas, mas não a fraqueza do homem em se deixar seduzir e induzir.

Desta forma, percebemos aqui em Florianópolis como em São Paulo, um constante olhar sobre a mulher, um olhar que vigiava, que denunciava e punia. Um olhar que forçava as mulheres a cuidarem de sua imagem para não serem rotuladas e classificadas, por isso:

"A mulher fora do lar, sobretudo se desacompanhada, precisou prestar muita atenção aos seus gestos, aparência e roupas, para não ser confundida com a figura dissoluta, excêntrica da prostituta, "mulher pública"¹⁷

A imprensa foi um meio de rápida propagação dos ideais de controle e repressão, quando não era ela própria a suscitadora desta repressão. Fato este que se verifica no texto, que abaixo segue, do Jornal *A Capital* do dia 08/02/1921, "Cousas Velhas... Na Cidade Nova...":

"A nossa capital incontestavelmente vai em franco progresso, entretanto, entre as coisas velhas que ainda merecem demolição, está o costume de certas meretrizes, à noite, mesmo nas horas de mais movimento destas noites quentes, se postarem às esquinas das nossas ruas a espera dalgum amor efêmero...

A demolição dessa coisa velha que enfeia tanto a nossa capital cabe, porém, não a Superintendência Municipal, mas à polícia.

Mãos à obra, pois!"¹⁸

Usando de metáforas e em prol da modernização e embelezamento da cidade, o jornal incita aos "órgãos competentes" a retirada das prostitutas das ruas. Mas, não foi com metáforas e sim com "picaretas" que "...inúmeras casas têm sido demolidas"¹⁹. Casas estas, onde residiam essas mulheres e outros segmentos humildes e indesejados da sociedade, os quais foram obrigados a se retirarem para as periferias do centro, ao passo que, com essas demolições, agravou-se o problema da moradia da população pobre. Mas nem por isso, essas pessoas deixaram de circular nas ruas do centro.

Utilizando-se também da medicina, a qual segundo Michel Foucault "... é uma estratégia bio-política"²⁰. O poder burguês cria todo um discurso higienista, como forma de

16 - RAGO, Margaret. *Os Prazeres da Noite. Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 93

17 - IDEM, p.39.

18 - Cousas velhas...na cidade nová... Jornal A CAPITAL. Florianópolis. 08/02/1921. p. 1.

19 -Remodelação de Florianópolis. Jornal A REPÚBLICA. Florianópolis. 01/02/1920. p. 1

20 - FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 80

controle dos corpos dessas mulheres, "... os médicos apresentavam-se como um dos segmentos da intelectualidade que se empenhavam na tarefa de ordenar aquilo que era visto como desordem, transformando a cidade num espaço civilizado"²¹.

Assim, além de constituírem a prostituição como uma doença, todos os males venéreos, principalmente a sífilis, foram atribuídas às meretrizes; e para o fim de tais moléstias era necessário fechar o cerco em volta daquelas mulheres:

"(...)referimo-nos à syphilis e à lepra. Contra aquela impõem-se as medidas ventiladas modernamente (...); fiscalização médica do meretrício, por visitas domiciliares regulares, (...)"²².

Produto da prostituição, de acordo com os discursos oficiais, as doenças venéreas passaram a ganhar destaque nos relatórios de saúde, em especial a sífilis. Concebida como um mal crescente que progredia de forma considerada demasiada, essa doença se constituiu em um problema para as autoridades científicas da cidade; tanto que em 1939 no quadro apresentado pelo Superintendente Geral Interino do Departamento da Saúde, Dr. Agripa de Castro Farias, esta apresentava elevado índice:

Serviço de Profilaxia da Sífilis e de outras Moléstias Venéreas
- 1º Distrito Sanitário de Florianópolis

| | |
|---|-------|
| Pessôas inscritas | 327 |
| Pessôas inscritas em sífilis | 163 |
| Pessôas inscritas em gonorréia | 129 |
| Pessôas inscritas em cranco mole | 34 |
| Pessôas inscritas em linfogranulomatose | 1 |
| Pessôas atendidas | 9.160 |
| Reexames | 7.553 |
| Consultas | 5.381 |
| Curativos de sífilis | 86 |
| Curativos de Gonorréia | 2.309 |
| Curativos de cranco mole | 538 |

Fonte: Relatório Apresentado ao Exmo Sr. Dr. Interventor Federal de Saúde Pública pelo Superintendente Geral Interino de Santa Catarina, Dr. Agripa de Castro Farias, 1939. p. 50.

Através do quadro percebemos que as doenças venéreas eram um problema real e presente na sociedade, o qual os cientistas estavam tentando solucionar. Porém, se por um

²¹ - ENGEL, Op. Cit. p. 39.

²² - Relatório da Inspectoria de Higiene de Estado. 1919, p.23.

lado essas eram constituídas como um impasse que deveria ser resolvido pelo poder público, serviram também, para justificar um discurso estereotipado sobre as mulheres, visando assim um maior controle; haja visto, as próprias inspeções sanitárias e higienistas nas casas de prostitutas e de outros segmentos pobres de Florianópolis.

Tendo em vista a impossibilidade de uma rápida eliminação da prostituição, e na tentativa de controle e delimitação a uma área e instalações próprias para as prostitutas, é elaborado pela Inspetoria de Higiene do Estado de Santa Catarina e pela Superintendência da Polícia, em 1927, um Regulamento de Meretrício; medida essa que já havia sido tomada no século XIX em Paris, no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras. Apesar de ainda desconhecemos se este regulamento, aqui em Florianópolis, foi efetivado oficialmente, e se isso ocorreu, como se constituiu sua prática; temos a percepção de toda uma ação controladora por parte do poder público sobre essas mulheres. Ação essa que não ficou restrita somente aos seus corpos, mas estendia-se às suas relações sócio-econômicas e às suas expressões sócio-culturais.

Construir a história das mulheres requer uma habilidade de artista e prática de bruxa, pois pintar essa tela com as tintas que nos são dadas, pela escassez de registro, torna-se uma verdadeira alquimia.

Porém o quebra-cabeça é possível de ser montado. Buscando uma peça aqui, ali e outra acolá, a imagem daquelas que até recentemente estiveram "... à margem dos fatos e ausentes da história..."²³ ganha forma e passa a mover-se nas entrelinhas dos documentos.

Como coloca Maria Odila Leite da Silva Dias, apesar das mulheres pobres, que viviam em São Paulo, quando da sua urbanização, não terem desempenhado funções políticas e ocupado cargos administrativos, a importância dos papéis que desempenharam²⁴ não foi menor que aqueles executados por homens; apesar das fontes escritas, meio que ocultarem esse fato. O qual também ocorreu na história de Florianópolis pois, apesar das mulheres florianopolitanas, que na passagem do século eram maioria, não serem visíveis na historiografia tradicional, as mesmas fizeram-se presentes em todo o processo de urbanização desencadeado na capital catarinense²⁵.

²³ - DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 7

²⁴ - IDEM. p. 9.

²⁵ - PEDRO, Op. Cit. p. 80.

É essa presença de mulheres que se moviam e envolviam-se no processo de desenvolvimento urbano que iremos buscar nos Relatórios de Chefes de Polícia, nas Mensagens dos Governadores, nos Ofícios da Inspetoria de Higiene do Estado, nos Relatórios do Departamento de Saúde Pública e nas Falas de Jornais da cidade. As Fotografias e as Memórias dos Depoimentos Orais também servirão de fontes para análise na construção dessa nossa história, na qual daremos prioridade à imagem daquelas mulheres que foram rotuladas no discurso da documentação como prostitutas.

Michel Foucault aponta, nos séculos XVIII e XIX, um processo de histerização da mulher burguesa em "...nome da responsabilidade que elas teriam no que diz respeito à saúde de seus filhos, à solidez da instituição familiar e a salvação da sociedade."²⁶, ou seja, em nome do único papel que teriam de representar, o de mãe e esposa. Sob esse prisma, também em Florianópolis, os demais eram desqualificados e desempenhados somente pelas "perdidas".

As vicissitudes sociais inseridas no projeto de urbanização trouxeram consigo uma imposição de vontade de um grupo sobre o outro, o uso de uma relação de poder e a imagem de prostituta, bem como os discursos sobre a prostituição, estão neste contexto social, em função do qual foi gerado um campo de forças²⁷, pois "...onde há poder há resistência..."²⁸, e, a partir do momento que todo um discurso era elaborado, todo um aparato de normas e regras era montado e espaços estavam sendo delimitados, como já colocou Déa Fenelon, formas de insubordinação e resistências, em contrapartida à essa dominação eram criadas²⁹.

Tentaremos decodificar quais eram os meios e estratégias de resistências articuladas por essas mulheres, as quais, sabemos que em sua maioria apresentaram-se como formas surdas e ocultas. Nossa investigação não pretende e nem deve ficar restrita somente aos estudos sobre a urbanização e nestes constatar apenas as várias etapas do desenvolvimento da cidade, mas, como lembra Déa Fenelon "...indagar da maneira como agentes diferenciados se apropriaram ou criaram condições de vida e aí foram dominados ou se rebelaram"³⁰.

²⁶ - FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. 8ª ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 137.

²⁷ - THOMPSON, Edward P.. *Tradicion, Revuelta y Consciência de Clase*. 2ª ed.. Barcelona: Crítica, 1984. p. 40.

²⁸ FOUCAULT, Michel, op. cit. p. 91.

²⁹ - FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, Cultura e História Social. Perspectivas e investigação. *Projeto História*. São Paulo: PUC, nº4, junho/1985. p. 28.

³⁰ - IDEM. p. 33.

Sendo as resistências "...o outro termo nas relações de poder,"³¹ faz-se necessário descortiná-las e desenterrá-las, trazendo-as à tona através de nossa história. Só assim perceberemos que ao caminhar pelos campos da história as mulheres enfrentam riscos e conflitos, adquirindo e deixando marcas.

Relatório do Departamento de Saúde Pública
 Fotografias e as Memórias dos Departamentos
 construção dessa nossa história, na qual damos prioridade à imagem das mulheres que
 foram tornadas no discurso da documentação como prostitutas

Michel Foucault aponta, nos séculos XVIII e XIX, um processo de historicização da
 mulher portuguesa em "...nome da responsabilidade que elas tinham no que diz respeito à saúde
 de suas filhas, à salvação da instituição familiar e à salvação da sociedade"³², ou seja, em
 nome do único papel que tinham de representar, o de mãe e esposa. Sob esse prisma, também
 em Florianópolis, os demais eram desqualificados e desempunhados somente pelas "perdidas".

As vicissitudes sociais inscritas no projeto de urbanização trouxeram consigo uma
 imposição de vontade de um grupo sobre o outro, isto é, uma relação de poder e a imagem
 de prostituta, bem como os discursos sobre a prostituição, estão neste contexto social, em
 função do qual foi gerado um campo de forças, pois "...onde há poder há resistência"³³, e,
 a partir do momento que todo um discurso era elaborado, todo um aparato de normas e
 regras era montado e espaços estavam sendo delimitados, como já colocou Des Frençon,
 formas de insubordinação e resistências, em contraposição a essa dominação eram criadas.³⁴

Tentamos decodificar quais eram os meios e estratégias de resistências articuladas
 por essas mulheres, as quais, sabemos que em sua maioria apresentaram-se como formas
 sutis e ocultas. Nossa investigação não pretende e nem deve ficar restrita somente aos
 estudos sobre a urbanização e nestes constatai apenas as várias etapas do desenvolvimento
 da cidade, mas como lembra Des Frençon "...indagar da maneira como agentes diferenciados
 se apropriaram ou criaram condições de vida e aí foram dominados ou se rebelaram".³⁵

36 - FOUCAULT, Michel. *Visões da Sexualidade: A Vontade de Saber*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal,
 1987. p. 137.

37 - THOMPSON, Edward P. *Trabalho, Família e Comunidade no Brasil*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,
 1984. p. 40.

38 - FOUCAULT, Michel, op. cit. p. 91.

39 - FRENÇON, Des. *Risco, Trabalho, Cultura e História Social: Resistências e Invenções Políticas*.
 Florianópolis: PUC, n.º junho 1987. p. 28.

40 - IBERM, p. 33.

31 - FOUCAULT, Michel, op. cit. p.